

A configuração da imagem do indígena por Olavo Bilac e Manoel Bomfim na obra *Através do Brasil*

Mariana Moreno Castilho* - PPG-UFSC

O primeiro livro paradigmático da literatura brasileira, *Através do Brasil*, escrito por Olavo Bilac e Manoel Bomfim, publicado em 1910, começa assim:

Eram dois irmãos- Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze anos de idade e o segundo cinco anos mais moço.[...]
Estavam ambos em um colégio, no Recife. **O pai, que era engenheiro, fora obrigado a deixá-los aí, a fim de trabalhar na construção de uma estrada de ferro**[grifo meu], no interior do estado. **Era a primeira vez que se separava dos filhos**[grifo meu], depois da morte da mulher; sempre fora muito carinhoso e meigo; principalmente depois de enviuvar, tornara-se de uma bondade excessiva, como querendo compensar com um redobramento de ternura a falta dos cuidados maternos que via os filhos privados. [...]A separação foi para os três um golpe doloroso. Mas o engenheiro, no momento de partir, abraçando os dois rapazes, fez-lhes estas recomendações: **‘ Vocês devem ser sempre muito amigos, muito unidos[...] Ligados pelos laços de sangue [...] [grifo meu]**
Em certa manhã de Domingo, quando iam sair a passeio, receberam um telegrama. O pai estava doente. Doente ‘sem gravidade’- dizia o telegrama. **Os dois meninos, porém, num sobressalto, imaginaram logo uma desgraça: ‘O Pai estava tão longe, num lugar quase deserto, num sertão bruto, onde ainda havia, talvez, índios ferozes**[grifo meu]- e estava entre estranhos, sem um amigo!... Que moléstia será a sua? [...]
-Sabes, Alfredo? [...] Vou para junto do papai [...]
Foram logo dali preparar a jornada.[...]¹

Será que essa obra literária pode ser considerada apenas uma ficção? Ou será que a partir dela, a partir do foco do fio condutor do olhar dessa obra, podemos visualizar os conceitos que esses intelectuais valorizaram ao redigi-la? Será que a partir dela não podemos enxergar um pouco da imagem que esses intelectuais tentavam construir do Brasil? A partir desse pequeno trecho já podemos visualizar alguns dos principais conceitos que norteavam o saber desses e de outros intelectuais do período. Tais como a valorização da unidade “familiar” e “nacional”, “laços de sangue”, “sertão bruto” e “índios ferozes”.

Centraremos a discussão, apresentada neste artigo, tentando entender a partir de quais conceitos Bomfim e Bilac assinalaram o indivíduo índio como sendo um sujeito delineado pejorativamente e como o assinalar desses intelectuais compunha e inseriu-se na ordem discursiva do contexto da Primeira República.

Para Foucault a ordem do discurso:

[...]é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior; a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo uma às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar; de uma atenção de uma linguagem; e é somente nas casas brancas desse quadriculado que ela se manifesta em profundidade aparente como já presente, esperando em silêncio o momento de ser enunciada.²

E a literatura, para ser enunciada e ser aceita dentro do crivo desse olhar, precisa estar inserida nessa ordem discursiva e assim o foi com a obra *Através do Brasil*, reverenciada e utilizada, como Marisa Lajolo nos aponta, por “muitas gerações de leitores”³.

Assim como Nicolau Sevcenko, entendo literatura como um “produto do desejo”, em que há uma preocupação “com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real”⁴. Estabelece-se então a diferença entre o historiador e o escritor, pois, enquanto o historiador ocupa-se da realidade, “o escritor é atraído pela possibilidade”⁵, retratando nessa o fio condutor que regeu o olhar em determinado contexto.

O olhar intelectual, na Primeira República, foi conduzido pelo fio de conceitos tais como civilização, progresso, raça e evolução, compondo o período da Belle Époque e da propagação da literatura de cunho realista. Evidenciou-se nesse período o entrelaçar do social com o cultural na preocupação da formação de uma literatura nacional, capaz de solidificar a composição de uma nacionalidade brasileira.

A literatura desempenhou nesse contexto, como pontuou o crítico literário José Veríssimo⁶ (1900), “a expressão, a definição, a representação da minha terra e da minha gente.”⁷ Explicitou ainda que “nenhum país, que aspire ser mais alguma coisa que uma expressão geográfica, pode ficar estranho ou indiferente à cultura intelectual”⁸, pontuando um pouco antes que, no Brasil, não houve “[...]jamais senão uma cultura literária rudimentar, truncada, e sobretudo, despida de qualquer espírito que a animasse tornando-a, como convinha fosse um meio educativo.”⁹

E essa preocupação “educativa” foi refletida em 1910 com a publicação de *Através do Brasil*, cuja leitura como Marisa Lajolo pontuou, permite-nos perceber “um pouco mais da imagem que o Brasil fazia de si mesmo.”¹⁰.

Bilac e Bomfim, já na introdução da obra, esclarecem a finalidade e a importância do livro de leitura, incorporando nesta definição a obra aqui analisada. Para ambos, o livro de leitura:

[...]deve conter em si uma grande lição[...] e que a criança, com sua simples leitura, já lucrará alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira- as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintos.[...] Os heróis principais desta simples aventura, não os apresentamos, está claro, para que sejam imitados em tudo[...]”¹¹.

E esclarecem que “[...]se há nestas páginas alguma fantasia, ela serve unicamente para harmonizar numa visão geral os aspectos reais da vida brasileira”, caracterizando a incorporação desses dois autores no realismo brasileiro.

No contexto assinalado, a célula familiar foi muito exaltada mediante a influência do pensamento positivista que circulava na época. Assim como ela o foi, houve também a extensão dessa exaltação para o âmbito da célula estatal. José Murilo de Carvalho delimita esses padrões que o *comtismo* implantava na sociedade, tais como “as formas de vivência comunitária, a família, a pátria e, como culminação do processo evolutivo, a humanidade (que Comte escrevia com h maiúsculo).”¹²

Olavo Bilac e Manoel Bomfim expõem nitidamente esse enobrecimento tanto da célula familiar quanto da estatal, no livro *Através do Brasil*. Neste, a figura paterna aparece de forma “idealizada” e os filhos, Carlos e Alfredo, percorrem quase toda a extensão do território nacional em busca do pai que, por ser engenheiro, teve que abdicar de permanecer com a família, em função da construção de uma ferrovia no “sertão bruto”. Essa valorização da célula familiar fica exposta em várias passagens do livro, assim como em seu desfecho, em que os irmãos vão para o Rio Grande do Sul, na casa dos avós paternos e :

Sabendo por telegrama que os filhos estavam na estância em Pelotas, o Dr. Meneses, com saudades deles, e ainda abatido pela doença que quase o matara, resolveu seguir também para o Rio Grande a fim de **descansar no seio da família**[grifo meu].¹³

Assim como a família é apresentada enquanto um corpo uno onde o pai, junto com seus dois filhos, vai descansar na casa dos seus pais, no “seio da família”, a nação também é configurada dessa forma, sendo compreendida como uma extensão do núcleo familiar.

Na introdução do livro, Bilac e Bomfim explicam a “instrução moral” de *Através do Brasil*, ressaltando:

É mister começar o curso fazendo a criança observar a sua situação moral no seio da família- os laços e deveres de afeto que ligam as pessoas de uma mesma família. Diz o livro de leitura na primeira página: “Era a primeira vez que se separava dos filhos depois da morte da mulher...”. Aí o professor estudará com a criança as condições de “família” em geral, mostrará duas acepções em que o termo é usado- para significar o conjunto das pessoas que vivem na mesma casa, sob um mesmo teto e sob a direção de um mesmo chefe- e o conjunto de todos os parentes; estudará os deveres recíprocos dos diversos membros de uma mesma família- deveres nascidos de sentimentos naturais tão intensos, que levam muitas vezes os indivíduos “à prática de verdadeiros sacrifícios”, como os que os pais fazem comumente pelos filhos- e com os que dois heróis deste livro fazem por amor do pai[...]¹⁴

A extensão da malha ferroviária, presente em grande parte do livro, pode ser entendida como sendo as veias do corpo nacional, em que o Estado tentava promover a integração de todas as regiões do território brasileiro. Os irmãos Carlos e Alfredo locomovem-se, na maior parte da história, de trem, e é muito recorrente o discurso da importância da malha ferroviária, como é o caso do diálogo desse engenheiro com os dois irmãos:

O engenheiro sorriu, e disse:
- Felizmente, já é possível atravessar todo o Brasil, por terra, não a pé, como os bandeirantes, mas em caminho de ferro.
- Como?
- Por meio das junções das estradas de ferro[...]¹⁵

Convém realçar que a malha ferroviária, associada e entrelaçada aos conceitos de progresso, modernização e conseqüentemente civilização, alcançou no país uma dimensão física significativa a partir de 1870. Como definem Angela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwarcz, essa “é a época da expansão das estradas de ferro”¹⁶.

Bilac e Bomfim expõem a importância e a “necessidade” da construção de estradas de ferro, para alcançar o progresso em diversas passagens do livro. Este trecho do diálogo estabelecido entre Alfredo e um engenheiro de minas, numa das viagens de trem que os irmãos fazem no transcorrer do livro, ilustra essa concepção:

Infelizmente essas duas colossais porções de terra [Mato Grosso e Goiás] brasileira são quase desconhecidas por falta de vias de comunicação fácil com o litoral. Quando as estradas de ferro e as linhas de navegação fluvial tiverem estabelecido essas comunicação, ninguém pode imaginar a esplêndida

prosperidade que reinará ali. Felizmente já principiou uma era de progresso. Já está adiantadíssima uma estrada de ferro- a de Madeira e Mamoré- comunicando Mato Grosso e o Atlântico, pelo Amazonas; o estado, por meio da Estrada de Bauru a Cuiabá, será ligado a São Paulo e Rio de Janeiro.[...]¹⁷

Além disso, ambos os escritores tentavam, pela literatura, ao apresentar as diversas regiões que compunham o Brasil através da peregrinação dos irmãos em busca do pai, introduzir e integrar o leitor a esse “corpo nacional” tão extenso.

Porém, as etnias indígenas, partindo da concepção comtiana, indicada anteriormente, não tinham alcançado o “estágio evolutivo” para serem consideradas pertencentes a esse “corpo nacional” e à “Humanidade” que, como José de Murilo Carvalho realça, “Comte escrevia com H maiúsculo.”¹⁸

A maneira como era concebido o indígena transparece logo na primeira página do livro, citada no início deste artigo: o fato de os dois irmãos imaginarem que o pai encontrava-se doente “num sertão bruto, onde havia, talvez índios ferozes[...]” torna-se decisivo para iniciarem a viagem e configurarem os índios como ferozes.

Bilac e Bomfim inclusive citam essa passagem na introdução do livro, enfatizando a importância de distinguir o estado “selvagem” do estado “civilizado”:

[...] Fala por exemplo o livro de “sertão bruto, onde havia...índios...” é um excelente pretexto para dizer quem são esses índios, que antigamente viviam sozinhos: os brancos e pretos vieram depois, e com eles veio a colonização. E então o professor apelará para a observação da criança, para que ela note a diferença entre o estado selvagem e as indústrias, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; mostrará que essas instituições e indústrias faltam em grande parte a algumas terras do interior, onde a civilização não penetrou.¹⁹

Assim como Adauto Novaes acredito que a “simples evocação da palavra civilização remete, necessariamente, a seu outro que é a barbárie”²⁰, vocábulo de significação semelhante a selvagem, utilizado no contexto analisado para designar o indivíduo indígena. Ou seja, remete para aquilo que não se desejava ser, de acordo com a concepção dessa época: “o atrasado na escala evolutiva”; o sem “forma de vivência comunitária” para se viver numa “pátria” e numa “família”.

Civilização, palavra e conceito tão recorrentes nos discursos de intelectuais desse período. Conceito fundamental para estabelecer essa imagem que Olavo Bilac e Manoel Bomfim

nos fazem focar no decorrer de *Através do Brasil*. Mas o que seria ser selvagem? Acredito ser uma posição de assujeitamento estabelecida através do conceito de ser civilizado; e ser civilizado, para os intelectuais inseridos no contexto da Primeira República, era ser europeu ou estadunidense e, sobretudo, branco. Ser civilizado configurava-se no entrelaçar das teorias raciais européias e estadunidenses, no positivismo e no evolucionismo que circulavam nos livros lidos por intelectuais como Olavo Bilac e Manoel Bomfim.

O livro realça bastante, ao tocar no assunto “vida selvagem”, nome inclusive do sexto capítulo, o fato de as etnias indígenas travarem conflitos entre si e serem antropófagas, mas, sobretudo, não esquecem de estabelecer analogia com a vida dita “civilizada”. O diálogo entre os irmãos expõe isto:

Algumas tribos odiavam-se tenazmente, com um rancor que só desaparecia quando uma delas era totalmente destruídas pela outra. Os prisioneiros eram comidos ou escravizados. As armas eram variadas.[...] Alfredo ouvia com grande atenção o que o irmão lhe dizia. Mas não lhe saía da cabeça, particularmente, a idéia horrível dos banquetes de carne humana...

-Que barbaridade! E ainda há muitos índios no Brasil?

-Há alguns, no interior de Mato Grosso, de Goiás, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, conservando a sua vida independente e os seus costumes ferozes. Mas perto das povoações, já todos eles se vão à vida civilizada...²¹

Portanto, o escritor, assim como um artista ao pintar um quadro, ao filtrar o mundo e focar o olhar do leitor e do contemplador de arte de determinada forma, reflete o saber de uma época através do fio condutor desse olhar, que o levou a representar o indivíduo de uma forma peculiar correspondente a sua visão e a sua concepção de valores. Sendo assim, *Através do Brasil* reflete o fio condutor do olhar que norteou o saber de uma época.

Foucault exemplifica esta compreensão ao descrever como Velasquéz olha e pincela o quadro “Las Meninas”, pontuando que:

O pintor só dirige os olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. Nós, espectadores, estamos em excesso. Acolhidos sob esse olhar, somos por ele expulsos, substituídos por aquilo que desde sempre se encontrava lá, antes de nós: o próprio modelo.²²

O mesmo que ocorre com Velasquéz ao pintar o quadro “Las Meninas” ocorre com os escritores de *Através do Brasil*. Ou seja, Bilac e Bomfim olharam, perceberam e descreveram o

índio como sendo um sujeito “feroz” e “atrasado na escala evolutiva”, a partir de um motivo configurado que nos indicou o fio condutor desse olhar regido pelos conceitos que circulavam no período da Primeira República entre os intelectuais: civilização, progresso e evolução, os quais aparecem nitidamente no transcorrer do livro.

* Mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientanda da prof. Dra. Cynthia Machado Campos. Pesquisa financiada pelo CNPQ.

¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. **Através do Brasil**. Organização: Marisa Lajolo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.p.53.

² FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas: Tradução Salma Tannus Muchail- 8ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.XVI.

³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op. cit., apresentação da obra.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: brasiliense, 1985, p.20.

⁵ idem. p.21.

⁶ José Veríssimo(1857-1916), autodidata, tornou-se um crítico literário com grande destaque entre a elite cultural dos fins do século XIX e início do XX, fez parte da Academia Brasileira de Letras até 1907, quando deixou de frequentá-la devido à eleição de Lauro Muller.

⁷ VERÍSSIMO, José. José de Alencar e o seu drama ‘O Jesuíta’. IN: VERÍSSIMO, José. **Estudos da literatura Brasileira**. 3ª série. São Paulo: Editora Itatiaia, 1977, p.85.

⁸ VERÍSSIMO, José. A literatura Nacional e os estudos literários. IN: VERÍSSIMO, José. **Teoria, crítica e história literária**.São Paulo: USP, 1977, p.273.

⁹ idem, p.272.

¹⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op.cit., p.apresentação da obra.

¹¹ Idem, p.47.

¹² CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **A formação das almas**. O imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 22.

¹³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op.cit., p.390.

¹⁴ Idem,p.48.

¹⁵ Idem.p.330

¹⁶ COSTA, Angela M. C.; SCHWARCZ, Lília M.. **Virando séculos:1890-1914**. No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.p.30.

¹⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op.cit., p.328.

¹⁸ CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **A formação das almas**. O imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p.22.

¹⁹BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op.cit., p.49.

²⁰ NOVAES, Adauto. **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.p.10.

²¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. Op.cit., p.80.

²² FOUCAULT, Michel. op.cit.,p.5.